



O(s) lugar(es) da diacronia na Terminologia: de onde partir para realizar um estudo terminológico-diacrônico hoje?

Beatriz Curti-Contessoto^{1,2}

¹Universidade de São Paulo, Rua da Reitoria, 374, 05508-220, São Paulo, São Paulo, Brasil. ²Université Lumière Lyon II, 86 Rue Pasteur, 69007 Lyon, França. E-mail: bfcurti@gmail.com

RESUMO. Este artigo traz reflexões teóricas acerca das diferentes visões de ‘diacronia’ no âmbito de cinco escolas terminológicas, tendo como base as concepções de ‘termo’, ‘conceito’ e ‘variação’ adotadas por cada uma delas em seu arcabouço teórico. Como cada uma das vertentes terminológicas considera a diacronia a partir de um lugar de fala particular, mostramos que, consequentemente, esta ocupa diferentes lugares em Terminologia. Em meio a essas abordagens, existe também a Terminologia Diacrônica (TD) que, embora não seja uma teoria *per se* – e, por esse motivo, vem associada a uma dessas escolas (ou mais) a depender dos objetivos de cada trabalho terminológico – tem figurado em diversas investigações na área como um campo de estudos à parte dos demais (Picton, Condamines, & Humbert-Droz, 2021). Dado o interesse relativamente recente dedicado à TD e à diversidade temática das pesquisas realizadas à luz dessa vertente (Humbley, 2011), há diferentes linhas investigativas associadas a ela. Propomos, então, esquemas que organizam essas abordagens, que foram encontradas em pesquisas desenvolvidas até o momento (Curti-Contessoto, 2022), e algumas especificidades atribuídas à ‘diacronia’. A discussão que aqui tecemos é importante, sobretudo porque faltam contribuições teóricas ainda hoje em dia, especialmente no sentido de sistematizar as diferentes abordagens diacrônicas que existem em Terminologia – algo que se configura como um dos obstáculos que mais necessitam de atenção (Picton, 2018). Este artigo tem o intuito, portanto, de contribuir nesse sentido, trazendo reflexões sobre o tema em português brasileiro já que, no Brasil, há uma lacuna sobretudo teórica com relação à TD, bem como caminhos possíveis de pesquisa na área e perspectivas futuras.

Palavras-chave: terminologia diacrônica; diacronia curta; diacronia longa; diacronia histórica; diacronia contemporânea; sincronia pretérita.

The place(s) of diachrony in Terminology: where to start from to carry out a terminological-diachronic study today?

ABSTRACT. This paper brings theoretical reflections on the different views of diachrony within the scope of five terminological schools, based on the conceptions of ‘term’, ‘concept’ and ‘variation’ adopted by each of them in their respective theoretical framework. As each of the terminological approaches considers diachrony from a particular place, this paper shows that, consequently, diachrony occupies different places in Terminology. Among these approaches, there is also the diachronic terminology (DT). Although it is not a theory *per se* – and, for this reason, it is associated with one of these schools (or more) depending on the objectives of the terminological work – DT has been adopted by several investigations in the area as a field of study apart from the others (Picton, Condamines, & Humbert-Droz, 2021). Given the relatively recent interest devoted to DT and the thematic diversity of research carried out in light of this perspective (Humbley, 2011), there are different investigative lines associated with it. This work therefore proposes schemes that organize these approaches, which have been found in research carried out so far (Curti-Contessoto, 2022), and some specificities attributed to ‘diachrony’. The discussion woven in this paper is important since there is still a lack of theoretical contributions, especially in the sense of systematizing the different diachronic approaches that exist in Terminology – something that is one of the obstacles that currently most need attention (Picton, 2018). Then, this paper intends to contribute in this sense, bringing our reflections on the subject in Brazilian Portuguese since there is a mainly theoretical gap in relation to DT in Brazil, as well as possible paths for research in the area and future perspectives.

Keywords: diachronic terminology; short-term diachrony; long-term diachrony; historical diachrony; contemporary diachrony; past synchrony.

Received on March 30, 2023.
Accepted on December 8, 2023.

Introdução

Diacronia e sincronia podem ser consideradas abstrações metodológicas que são principalmente necessárias para determinar de que forma os dados são analisados em pesquisas linguísticas. De modo geral, pode-se dizer que, quando em sincronia, um determinado estado de língua que está em foco é analisado, abstraindo-se, assim, as suas transformações ('mínimas') ao longo dos anos e, quando em diacronia, os dados são analisados de modo a "[...] comparar diferentes estados sucessivos de uma língua e [a] descrever a evolução desses estados" (Picton, 2009, p. 62, tradução nossa)¹.

Essa distinção entre 'sincronia' e 'diacronia' é encontrada em trabalhos desenvolvidos no âmbito da Terminologia – disciplina linguística de interesse deste artigo. Ela salienta a principal diferença entre essas duas abstrações: o fato de a primeira não tratar da variação terminológica ao longo do tempo, algo que é basilar para a segunda. Logo, variação em diacronia, no contexto das investigações terminológico, refere-se mais especificamente aos diferentes "[...] estados sucessivos [dos termos e dos conceitos] ao longo do tempo" (Dury & Picton, 2009, p. 38, tradução nossa)². Em outras palavras, refere-se à transformação, à evolução terminológica e conceitual.

No âmbito da Terminologia, a diacronia passou a ser passível de estudos com o advento de escolas que surgiram ao longo das décadas 80 e 90, sobre as quais tratamos na primeira seção deste artigo. Ainda assim, "[...] o estudo terminológico esteve frequentemente ancorado sobre uma perspectiva que toma um conjunto de termos em um momento preciso da história de um determinado domínio, em uma dimensão exclusivamente sincrônica" (Zanola, 2021, p. 13, tradução nossa)⁴. Essa preferência pela sincronia se manteve em grande parte das investigações terminológicas até a primeira década dos anos 2000. Dentre os principais motivos que justificam essa falta de preocupação com a evolução e a história das linguagens de especialidade, destacam-se obstáculos teóricos e históricos, obstáculos técnicos, obstáculos pragmáticos e obstáculos psicológicos (Dury, & Picton, 2009). Com o passar das últimas décadas, houve avanços que superaram, em parte, alguns desses obstáculos (Dury, 2013).

Atualmente, a noção de 'diacronia', no âmbito da Terminologia, tem sido discutida e, dessas discussões, importantes reflexões têm sido produzidas, especialmente no que diz respeito ao seu papel e ao seu *status* nessa disciplina. Nesse sentido, além de sua relação com o quadro variacionista, a diacronia tem sido "[...] descrita como um campo de investigação à parte por outros autores [...], que falam de 'Terminologia diacrônica'" (Picton, Condaminas, & Humbert-Droz, 2021, p. 195, tradução nossa, grifo do autor)⁵. E é sobre essa vertente e sobre os diferentes lugares assumidos pela diacronia em seu escopo e nos quadros teórico-metodológicos das principais teorias terminológicas que tratamos neste artigo.

Para tanto, relacionamos três conceitos basilares ('termo', 'conceito' e 'variação'), comparando-os à luz de cinco escolas terminológicas. Com base nessa discussão, delimitamos os lugares da diacronia no âmbito dessas vertentes. Em seguida, mostramos que, na TD, a diacronia é concebida de forma plural a depender dos critérios e do olhar que lhe são dirigidos. Após propormos uma estruturação para a TD, com vistas à sua sistematização, encerramos este artigo com algumas considerações sobre o exposto, refletindo sobre possíveis caminhos para se realizar uma pesquisa terminológico-diacrônica hoje, bem como trazendo algumas perspectivas futuras.

O caráter dinâmico dos conceitos basilares em Terminologia

Como se sabe, a Terminologia, enquanto disciplina científica, é relativamente recente. No Brasil, costuma-se adotar, do ponto de vista cronológico, a Teoria Geral da Terminologia (TGT)⁶ como sendo a referência teórica inicial (Krieger, 2000). As concepções de base dessa vertente teórica estão perfeitamente aliadas com

¹ "Synchronie et diachronie sont de fait avant tout des abstractions méthodologiques nécessaires pour mener des études linguistiques, l'une pour observer un état de langue et faire abstraction des changements ('minimes'), l'autre pour comparer différents états successifs d'une langue et en décrire l'évolution".

² "[...] la description d'états successifs dans le temps. On pourra en outre parler de « variation terminologique », « temporelle » ou « chronolectale ».

³ Curti-Contessoto (2022) relaciona 'variação' [1] à transformação terminológica ao longo do tempo e 'variação' [2] à variação denominativa, que, no eixo diacrônico, é um processo que "[...] pode ser classificado como 'cronológico' ou 'temporal', segundo pressupostos distintos do quadro variacionista em terminologia" (Curti-Contessoto, 2022, p. 120).

⁴ "[...] l'étude terminologique a souvent été ancrée dans la perspective d'un ensemble de termes à un moment précis de l'histoire d'un domaine déterminé, dans une dimension exclusivement synchronique".

⁵ "[...] décrite comme un champ d'investigation à part entière par d'autres auteurs (Dury 2013 : 2, 2018), qui parlent de 'terminologie diachronique' (voir notamment Zanola 2014)".

⁶ As bases da TGT foram concebidas pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster na década de 1930. Contudo, ele não foi o único a se dedicar aos estudos terminológicos durante o mesmo período. A Alemanha, por exemplo, tem importantes contribuições em torno da relação entre língua geral (*gemeinsprache*) e língua profissional (*fachsprache*) com vistas a solucionar problemas de tradução desse tipo de comunicação por meio de "[...] estudos linguísticos, que iam da fonologia à tipologia de texto [...]" (Finatto, 2001, p. 59) e que, segundo a autora, já criticavam na época a visão idealizada da língua de especialidade proposta por Wüster (1979).

os seus objetivos, que se resumem, basicamente, em possibilitar a normalização e a harmonização terminológicas nas linguagens de especialidade⁷.

Para a TGT, 'termo' é isento de qualquer conotação, unívoco, preciso e monorreferencial, encontrado em determinados domínios do conhecimento, que são fixos e hermeticamente fechados uns em relação aos outros (Dury & Picton, 2009), além de denominarem conceitos universalmente unificados. Logo, 'conceito' é concebido "[...] como um conjunto de traços característicos relevantes de um objeto e é compreendido como algo universal e imutável" (Barros, 2006, p. 22).

Nesse viés, a normalização é vista como uma forma de padronização da linguagem de especialidade, no sentido de que conduz o terminólogo e "[...] o elaborador de dicionários terminológicos para o registro de termos considerados 'adequados' numa comunicação especializada eficiente" (Faulstich, 2006, p. 27). O que está em foco, portanto, é a eficiência desse tipo de comunicação que, para Wüster (1979), dá-se quando há o 'apagamento' da variação linguística. Portanto, 'variação' é, para ele, "[...] 'toda perturbação da unidade linguística' e, em decorrência, distingue dois tipos de variação linguística, a monolíngua e a interlíngua, chamada pelo autor de 'sinônimos universais'" (Faulstich, 2006, p. 27). Assim, a variação, de qualquer ordem, deveria ser eliminada em prol da desambiguação da linguagem de especialidade segundo o que estabelece a normalização terminológica.

Na década de 90, a publicação de François Gaudin intitulada *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles* organiza os pressupostos de uma nova escola para os estudos terminológicos. Surge, então, a Socioterminologia, cujas bases foram inspiradas na Sociolinguística e na Análise do Discurso (Silva & Nadin, 2010). Para essa linha, as unidades terminológicas "[...] servem para veicular as significações socialmente regulamentadas e inseridas nas práticas institucionais ou no interior dos conhecimentos" (Alves, 2003, p. 229).

Nesse sentido, o termo é considerado como 'praxema', pois seu uso está diretamente ligado às práticas profissionais. Há, dessa forma, um esforço por parte dos socioterminólogos em "[...] introduzir a Terminologia em uma prática social que é todo discurso, incluindo o discurso metaterminológico, com o objetivo de examiná-lo como atividade produtora/social e como atividade cognoscitiva" (Silva & Nadin, 2010, p. 302-303). É, portanto, nesse tipo de contexto que o uso terminológico se inscreve, havendo um jogo de negociações cognitivas e denominativas em torno da categorização de certos termos, segundo as redes praxêmicas nas quais estão inseridos (Gaudin, 1993). 'Termos' podem ser definidos, portanto, como:

- (i) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas; (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (Faulstich, 1999, p. 28).

Assim, "[...] o termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins" (Faulstich, 2006, p. 28). Consequentemente, 'conceito' é, para Gaudin (1993), "[...] uma construção dinâmica resultante da interação dialógica e interlocutiva" (Dufour, 2004, p. 209, tradução nossa)⁸. Essas concepções de base refletem uma interpretação variacionista no âmbito dos estudos terminológicos para a qual "[...] as diversidades de comunicação entre, [por exemplo,] pessoal de direção, de setores administrativos, de setores de pesquisa, de produção e de comercialização dentro das empresas [são] o meio mais adequado para a descrição dos termos científicos e técnicos" (Faulstich, 1995, p. 7). Dessa forma, a Socioterminologia abre as portas para que as variantes lexicais e conceituais sejam consideradas como constituintes do termo e propõe que ele deve ser analisado em seu contexto de produção (Gaudin, 1993).

Pela primeira vez, então, as temáticas ligadas ao caráter dinâmico dos termos, tais como seus usos sociais e o estudo da sua aparição, circulação e implantação (Gaudin, 2005), passaram a ser consideradas e analisadas em Terminologia. Com a Socioterminologia, os estudos terminológicos encontraram um respaldo teórico e metodológico para tratar das linguagens de especialidade tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico por considerá-las dinâmicas.

Assim, em sincronia, é a circulação dos conhecimentos em um dado momento que está em foco; em diacronia, por sua vez, é a história das ciências, das técnicas e dos discursos socialmente regulamentados que está em foco (Alves, 2003). Em ambos, é o quadro variacionista que norteia as discussões, na medida em que se busca o que varia e como variam as terminologias em um *corpus* textual que deve ser, preferencialmente,

⁷ Embora utilizemos 'linguagem de especialidade' neste texto, a TGT trata das 'línguas de especialidade'.

⁸ "[...] le concept est une construction dynamique résultant de l'interaction dialogale et interlocutive".

especializado (Faulstich, 2006). Portanto, o lugar da diacronia nos estudos socioterminológicos é do ponto de vista da variação, sobretudo, da expressão denominativa dos termos em diferentes situações comunicativas.

Ainda na década de 1990, alguns anos após a publicação de Gaudin (1993), surge, no âmbito da Terminologia, outra teoria, cuja preocupação também se volta para o caráter variacionista dos termos. Trata-se da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), sistematizada por Cabré (1999).

Assim como a Socioterminologia, a TCT vai contra os pressupostos prescritivos da TGT, que focam apenas no caráter cognitivo dos termos. Para a TCT, os termos – por serem comparados a um poliedro tridimensional, cujas dimensões são a linguística, a cognitiva e a comunicativa – podem ser estudados a partir de uma dimensão/porta diferente e não necessariamente a partir de todas ao mesmo tempo. Contudo, a escolha de uma porta não significa que as outras duas foram rejeitadas ou desconsideradas, uma vez que continuam presentes em segundo plano (Faber & Rodríguez, 2012). Com a Teoria das Portas, é possível, portanto, acessar, analisar e entender as unidades terminológicas por meio de caminhos diversos (Cabré, 2003).

Para a autora, os termos têm duas funções principais: a de representar o conhecimento especializado e a de serem os veículos por meio dos quais esse conhecimento é transmitido – o que evoca sua função comunicativa. Dessa forma, o papel principal dos termos é ‘denominar’, uma vez que, no âmbito da língua, são eles que dão suporte material ao avanço do conhecimento considerado especializado.⁹ Tem-se, assim, a faceta linguística dos termos.

Do ponto de vista cognitivo, os termos são unidades que representam as percepções e as categorizações da realidade geradas pelas áreas de especialidade. São, portanto, “[...] o objeto de uma teoria do conhecimento (de base filosófica, psicológica e neurológica)” (Cabré, 2009, p. 10, tradução nossa)¹⁰. Assim, a estrutura do conhecimento de um discurso especializado pode ser representada por meio de um mapa conceitual formado de nós, ou seja, de diferentes unidades de expressão do conhecimento (os termos), e das relações mantidas entre esses nós, que constroem o(s) significado(s) especializado(s) denominados por essas unidades nessa estrutura (Faber & Rodríguez, 2012).

Os conceitos, por sua vez, também são considerados poliédricos assim como os termos, já que “[...] podem fazer parte de diferentes disciplinas e, no interior de determinado campo, podem ser tratados a partir de diferentes perspectivas” (Cabré, 1999, p. 98, tradução nossa).¹¹ Segundo a autora, ao ser conceitualizado a partir de diferentes pontos de vista, um conceito pode gerar denominações distintas – o que pode se dar em um mesmo domínio de especialidade.

A Socioterminologia e a TCT são duas vertentes teóricas que têm diversos pontos em comum e outros que se diferem. Nesse sentido, ainda que o ponto em comum entre essas duas vertentes seja a concepção de ‘termo’ e de ‘conceito’ como unidades variantes, essa variação é concebida pela Socioterminologia como algo intrinsecamente ligado às práticas sociais, situacionais, espaciais e profissionais. Na tipologia de Faulstich (1998), referência brasileira na área, a diacronia é tratada por meio do estudo da variação de registro, que permite identificar, dentre outras, as ‘variantes terminológicas temporais’.

Já para a TCT, a variação se dá em um *continuum* em que se situam “[...] os termos veiculados pelas agências normalizadoras (grau mínimo de variação); os termos que ocorrem na situação comunicativa entre especialistas (grau intermediário de variação); e a terminologia bastante difundida entre os não especialistas (grau máximo de variação)” (Curti-Contessoto & Costa, 2021, p. 7). A explicação por trás dessa proposta de identificação da variação terminológica está diretamente ligada às diferentes possibilidades de situações comunicativas¹² em um mesmo âmbito de especialidade, partindo do pressuposto de que, “[...] dentro de cada especialidade, podem ser produzidos discursos em níveis diferentes, que implicam uma densidade terminológica também diferente” (Cabré, 1999, p. 88, tradução nossa)¹³.

Ancorada na TCT, Freixa (2006) propôs uma tipologia das variantes terminológicas que se diferencia da proposta socioterminológica de Faulstich (1998) ainda que tenham o mesmo ponto em comum: a concepção

⁹ Cumpre dizer que isso não significa que “[...] a expressão do conhecimento especializado não encontre expressão em outras semióticas que não a verbal, a exemplo das fórmulas científicas, entre outros recursos” (Krieger, Santiago, & Cabré, 2013, p. 330).

¹⁰ “[...] the object of a theory of knowledge (philosophical, psychological, neurological bases)”.

¹¹ “[...] pueden formar parte del campo de diferentes disciplinas y, en el interior de un campo determinado, ser tratados desde diferentes perspectivas”.

¹² Considerar as diferentes situações comunicativas em seus estudos é o cerne da TCT e essa questão está diretamente ligada à outra: a de terminologicidade. Isso porque Cabré entende “[...] o termo como a unidade do léxico das línguas que ‘ativa’ um sentido preciso em determinado contexto sociocomunicativo (ou discursivo). A partir disso, [ela trata] a ‘terminologicidade’ como um valor associado às unidades do léxico. Para [ela], os termos não são unidades distintas das unidades lexicais, mas sim unidades lexicais que adquirem características específicas em seu uso discursivo. Essa é a concepção linguística da Terminologia” (Krieger, Santiago & Cabré, 2013, p. 331, tradução nossa – “[...] el término como la unidad del léxico de las lenguas que ‘activa’ un sentido preciso en un contexto sociocomunicativo (o discursivo) determinado. Con ello, trato la ‘terminologicidad’ como un valor asociado a las unidades del léxico. Para mí, los términos no son unidades distintas a las unidades del léxico, sino unidades del léxico que adquieren características específicas en su uso discursivo. Esta es una concepción lingüística de la terminología”).

¹³ “[...] dentro de cada especialidad, se pueden producir discursos a niveles diferentes, que implican una densidad terminológica también diferente”.

de variação denominativa como o fenômeno em que torna possível a existência de diferentes denominações para um mesmo conceito. No caso da proposta de Freixa (2006), a diacronia é evidenciada pela ‘variação cronológica’, que é um subtipo da causa dialetal. Logo, a diacronia encontra respectivamente na Socioterminologia e na TCT o seu lugar na variação temporal ou cronológica, que se atém, principalmente, à dinâmica dos usos dos termos em diferentes contextos comunicativos de uma determinada área de especialidade.

Diferentemente da Socioterminologia e da TCT, a Terminologia Textual não se configura como uma teoria propriamente dita, ou seja, sistematizada e organizada por um(a) autor(a) em específico para tratar de pressupostos específicos e próprios. Na verdade, ela consiste em uma escola construída a partir de diferentes facetas que tem suas bases na Linguística Textual e cujos postulados passaram a ser desenvolvidos mais fortemente ao longo da década de 1990 graças, principalmente, ao cenário de desenvolvimento tecnológico que possibilitou o tratamento de ‘corpora’ textuais nesse período. No entanto, antes disso (no final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980), já havia reflexões que indicavam a necessidade de se considerar o texto nos estudos terminológicos (Finatto, 2001).

Para Kocourek (1991) – importante referência da escola checa com relação aos estudos terminológicos textuais – o texto pode ser concebido a partir de três faces: em primeiro lugar, ele representa o emprego de recursos linguísticos sob o viés sequencial (sintagmático); logo, enquanto texto-sequência (*texte-séquence*), o texto consiste, em segundo lugar, em uma fonte de dados em prol da observação de todos os planos da língua; e, em terceiro lugar, o texto é considerado um plano suprafrástico, na medida em que sua coesão gramatical e sua coerência semântica estão fundamentadas nos planos inferiores, sobrepondo-os, já que “[...] ele possui uma rede complexa de relações semânticas e formais interfrásticas” (Kocourek, 1991, p. 71, tradução nossa)¹⁴. Desse modo, não é produtor desmembrar o texto (e nem o termo) desse sistema. Nessa visão, texto e sistema constituem, juntos, a linguagem de especialidade. Logo, uma vez que, na comunicação especializada, os termos são veiculados em textos de diferentes tipos e formatos, eles são tanto elementos do sistema quanto ocorrências em textos especializados (Kocourek, 1991). Desse modo, uma unidade terminológica, além de ser uma unidade lexical, tem sua(s) acepção(ões) estritamente vinculada(s) ao texto em que ocorre, o que revela duas dimensões relevantes para o trabalho terminológico: “[...] a da ‘palavra técnico-científica’, algo que se busca isolar por meio de uma marcação sintático-semântica ou morfossintática; e a dimensão mais ampla do texto-signo, na qual uma série de fatores estão envolvidos” (Finatto, 2003, grifo do autor).

Com relação à variação, esta é concebida nessa perspectiva tanto do seu ponto de vista formal quanto conceitual, “[...] numa íntima relação com os distintos graus de especialização, peculiares a determinadas classes textuais, como: resumos, artigos, entrevistas e notícias jornalísticas” (Krieger, 1998, p. 2). Assim, além de diferentes fatores que influenciam e interferem na variação terminológica, essa linha permite que também seja considerada a variação inter- e intratextual que, por sua vez, influencia os demais tipos de variação.

Entre o final dos anos 1990 e o início dos 2000, surge uma nova proposta teórica no âmbito da Terminologia: a chamada Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)¹⁵ de Rita Temmerman (2000). Apoiando-se na Linguística Cognitiva, especialmente na “[...] perspectiva lakoffiana dos Modelos Cognitivos Idealizados, com ênfase no modelo metafórico [...]” (Finatto, 2001, p. 125-126), a TST “[...] se concentra no potencial cognitivo da terminologia na linguagem de um domínio específico e na variação terminológica relacionada a contextos verbais, situacionais e cognitivos no discurso e em uma ampla variedade de ambientes de comunicação” (Faber & Rodríguez, 2012, p. 17, tradução nossa)¹⁶. Desse modo, essa teoria dá um enfoque à face cognitiva das terminologias, defendendo, basicamente, que há sempre um motivo por trás do seu emprego na comunicação especializada – seja consciente ou não.

Por rejeitar a ideia do objetivismo, Temmerman, com a TST, enfoca na busca por métodos de estudo e de descrição de todos os aspectos que entram em jogo no processo de compreensão de uma linguagem de especialidade, a saber: as categorias, as interações entre a lexicalização e a categorização, e as diretrizes voltadas a uma terminografia que se apoie na descrição da compreensão das categorias e do processo de lexicalização (Clas, 2001). É justamente por causa de sua concepção central de que o objetivismo não existe nos discursos especializados que a TST se diferencia das demais propostas teóricas apresentadas, uma vez que expõe claramente seu foco na organização conceitual e na estrutura de categorias advinda da Linguística Cognitiva (Faber & Rodríguez, 2012).

¹⁴ “[...] il possède un réseau complexe de rapports sémantiques et formels interphrastiques”.

¹⁵ Há trabalhos brasileiros que se referem à Teoria Sociocognitiva da Terminologia pelo acrônimo TSC. Aqui, optamos por TST.

¹⁶ “[...] concentrates on the cognitive potential of Terminology in domain-specific language and on terminological variation as related to verbal, situational, and cognitive contexts in discourse and in a wide range of communicative environments”.

‘Grosso modo’, a proposta da TST gira em torno dos seguintes pressupostos: primeiramente, a linguagem não pode vir desassociada dos conceitos, já que essa relação tem um papel crucial na concepção das categorias. Em segundo lugar, uma vez que muitas categorias não apresentam fronteiras bem delimitadas e claramente definidas, a estrutura e a definição não devem vir limitadas a apenas uma forma e dependem do conceito a ser definido. Ademais, tanto a polissemia quanto a sinonímia devem ser analisadas. E, por fim, um dos pontos fortemente defendidos pela TST é o de que os termos e os conceitos, bem como as categorias, devem ser estudados ‘diacronicamente’, uma vez que, para essa teoria, é inevitável que eles evoluam com o passar do tempo. Assim sendo, os modelos cognitivos – questão-chave da teoria – têm um papel importante no processo de desenvolvimento de novas ideias. (Temmerman, 2000)

Esse ponto de vista, segundo o qual o aspecto diacrônico e histórico não deve ser desassociado das linguagens de especialidade, interfere diretamente nas concepções de base da TST. Nessa perspectiva, os termos exercem o papel de ‘palavras de significação especializada’ e servem como motores que fazem acontecer o processo de compreensão, na medida em que vinculam novas compreensões com as compreensões mais antigas (Temmerman, 2000, p. 228) – o que revela uma ideia de diacronia terminológica, essencial para essa teoria.

A concepção de ‘termo’ é também atrelada ao que se considera por *conceito* no âmbito da TST – elemento que particularmente recebe um tratamento central nessa linha teórica. Temmerman propõe que a noção de conceito (concebida pela TGT como ‘unidade de pensamento’) seja substituída pelas noções de ‘categoria’ e de ‘unidade de compreensão’ (Finatto, 2001). Seguindo essa linha de raciocínio, os termos, na TST, são vistos como unidades linguísticas que veiculam significado(s) conceitual(is) ‘no interior’ de textos que trazem conhecimento especializado e, seguindo essa linha de raciocínio, esse processo de transmissão de significado é tão importante quanto o(s) conceito(s) que os termos denominam (Faber & Rodríguez, 2012).

A TST se concentra também na variação terminológica que, nesse viés, é relacionada a contextos verbais, situacionais e cognitivos no discurso e em um amplo rol de ambientes comunicativos (Temmerman, Kerremans, & Vandervoort, 2005). Desse modo, a variação é considerada de um modo um pouco diferente do que o fazem a Socioterminologia e a TCT, já que, para a TST, entram em jogo especialmente questões ligadas aos aspectos cognitivos dos termos no discurso especializado.

A seguir, exploramos mais as questões exploradas nesta seção, mostrando como elas influenciam o lugar ocupado pela diacronia em cada uma dessas escolas.

O(s) lugar(es) da diacronia na Terminologia

Na seção anterior, relacionamos as principais escolas da Terminologia do ponto de vista de seus conceitos basilares, evidenciando, assim, os principais pontos diferentes e semelhantes entre elas. Com base no exposto, podemos dizer que todas foram desenvolvidas a partir de três pilares conceituais, que se referem a ‘termo’, ‘conceito’ e ‘variação’. Dentre eles, a variação, a nosso ver, é a principal noção que norteia as demais concepções, seja por sua presença, que se dá, como vimos, a partir de diferentes pontos de vista, seja por sua ausência, como se vê na teoria fundadora da Terminologia, a TGT.

Atrelada à variação, vem, em meio a outros aspectos, a diacronia. Esta, assim como a variação, ocupa diferentes lugares a depender da perspectiva teórica e metodológica salientada por uma ou outra abordagem terminológica. O esquema exposto a seguir (Figura 1) resume a relação entre a diacronia e cada uma das escolas mencionadas na seção anterior.

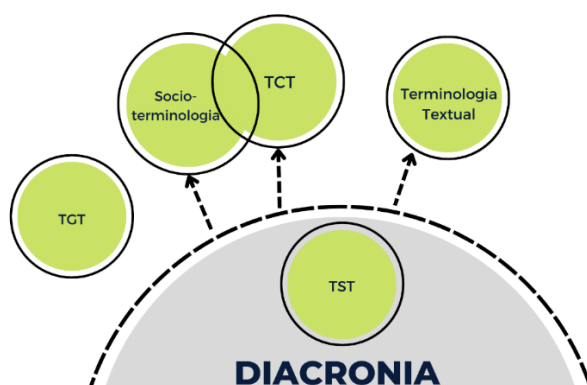


Figura 1. Relações entre a diacronia e as principais vertentes terminológicas.

Os círculos verdes se referem às principais vertentes teórico-metodológicas que foram desenvolvidas no âmbito da Terminologia e sobre as quais discutimos na seção anterior. Com base em seus princípios, especialmente em suas concepções de base sobre ‘variação’, podemos inferir de que modo essas abordagens se relacionam do ponto de vista dos lugares assumidos pela diacronia em seus respectivos quadros epistemológicos.

A TGT, como se vê na Figura 1, não aparece vinculada à diacronia, já que não há espaço para a diacronia no âmbito dos estudos desenvolvidos segundo o viés da TGT. E, mesmo considerando a sincronia atual das linguagens de especialidade, qualquer tipo de variação, para a TGT, consiste em um empecilho à eficiência comunicativa nas áreas de especialidade e deve ser, portanto, evitada nas terminologias.

As escolas relacionadas à Socioterminologia e à TCT aparecem ligadas à diacronia por duas setas diferentes e interconectadas pelos balões. Dessa forma, representamos, por meio do espaço de interconexão, que ambas têm pontos em comum. A diacronia, inclusive, ocupa um lugar teórico próximo, segundo um olhar variacionista. Contudo, esse lugar não é idêntico e, por essa razão, há duas setas separadas que ligam cada vertente à diacronia. Essas duas teorias têm aspectos diferentes que se revelam especialmente por suas referências teóricas que não são as mesmas, o que implica não só concepções de base distintas, como também diferentes metodologias – que se refletem no modo de trabalhar e conceber a diacronia terminológica.

Como vimos, a diacronia encontra um lugar particular na Terminologia Textual, que, para Hoffmann, considera que “[...] a necessidade de denominação gera uma correlação entre a evolução das áreas especializadas e suas respectivas linguagens” (Finatto & Zilio, 2015, p. 22). Logo, “[...] além do léxico, que, no decorrer do tempo, constitui subsistemas terminológicos, a evolução específica das linguagens especializadas se manifesta desde a configuração dos textos até a criação de novas variedades de textos especializados” (Finatto & Zilio, 2015, p. 22).

Assim, diferentemente da Socioterminologia e da TCT, a Terminologia Textual dá ênfase à íntima relação entre a evolução das terminologias e a dos textos em que elas são veiculadas, bem como amplia o sentido de ‘variação’, já que considera que ela pode ocorrer no âmbito do próprio texto de especialidade. Especialmente por esse aspecto, que é fortemente defendido pela corrente da Terminologia Textual, esta figura separadamente das demais vertentes no esquema anterior, ainda que seja possível conciliá-la com outra(s) abordagem(ns) teórica(s).

Por fim, a diacronia tem um lugar de destaque nos estudos realizados à luz da TST – algo que não ocorre nas outras vertentes apresentadas. Isso porque a dimensão diacrônica e histórica se mostra, no âmbito dessa vertente, essencial para a compreensão das categorias sociocognitivas e dos demais aspectos por ela salientados. Sem a diacronia, portanto, seria impossível estabelecer como determinada área do saber é estruturada do ponto de vista conceitual. Dada a forte relação entre a variação diacrônica e as demais concepções da TST, esta foi inserida, no esquema anterior, no mesmo campo da diacronia.

Identificados os lugares da diacronia no âmbito da TGT, da Socioterminologia, da TCT, da Terminologia Textual e da TST, partimos, na próxima seção, para a discussão acerca da diacronia à luz da TD.

A pluralidade da diacronia na ‘Terminologia diacrônica’

Ao contrário das outras vertentes apresentadas, a TD não é uma teoria *per se*, mas sim uma abordagem cujo principal intuito é o de dar enfoque à diacronia ao estudar as linguagens de especialidade, abordando principalmente:

[...] em primeiro lugar, o estudo da evolução de formas e de sentido nos vocabulários e na lexicografia especializada¹⁷, e, depois, as relações evolutivas entre conceitos e termos, entre terminologia e neologia, em um determinado período de um dado domínio ou de um subdomínio especializado, em diacronia longa ou curta (Zanola, 2021, p. 14, tradução nossa)¹⁸.

De fato, a diacronia ocupa um lugar central na TD. Não só é o ponto-chave que norteia os estudos sobre as linguagens de especialidade nessa abordagem, como também tem recebido diferentes caracterizações, conferindo-lhe, assim, uma pluralidade para a qual não se tinha dado atenção, já que a diacronia não era o foco de análise da maioria dos estudos terminológicos até o início dos anos 2000.

Nesse sentido, a diacronia ganhou especificidades no âmbito da TD, tais como a diacronia curta e a diacronia longa mencionadas por Zanola (2021). O que difere esses dois tipos de diacronia é basicamente a janela temporal recoberta por cada um deles. Nesse sentido, investigações que têm um *corpus* de estudo com

¹⁷ Trazendo para o contexto brasileiro, aqui, faz-se tradicionalmente uma distinção entre Lexicografia Especializada e Terminografia. A primeira está vinculada à Lexicografia e a segunda à Terminologia, mais especificamente. Em trabalhos desenvolvidos no exterior, essa diferenciação não é sempre evidente.

¹⁸ “Toute approche rentre donc dans le champ d'intérêt de la terminologie ainsi dite diachronique, qui s'affirme comme perspective d'analyse nécessaire pour aborder en premier lieu l'étude de l'évolution de formes et de sens dans les vocabulaires et dans la lexicographie spécialisée, ensuite les rapports évolutifs entre concepts et termes, entre terminologie et néologie, que ce soit au cours d'une période déterminée d'un domaine ou d'un sous-domaine spécialisé, en diachronie longue ou courte”.

“[...] uma janela temporal inferior a vinte anos, [tendem a ser] relacionadas à diacronia curta, enquanto investigações terminológicas, que se debruçam sobre um *corpus* de espaço temporal maior do que essa quantia, [são consideradas] de diacronia longa” (Curti-Contessoto, 2022, p. 116). Nos dois casos, existe a possibilidade de se analisar a evolução terminológica, independentemente do espaço de tempo considerado. Dessa forma, ‘diacronia’ pode ser também ‘histórica’ (se fizer referência a um período antigo, anterior ao momento em que o estudo terminológico é realizado) e ‘contemporânea’ (se se tratar de um período atual, relativamente mais próximo ao momento do desenvolvimento da pesquisa terminológica) (Zanola, 2021).

Além disso, investigações mais recentes desenvolvidas no âmbito da TD inovaram no sentido de considerarem, no rol de suas possibilidades de análise, estudos sobre as linguagens de especialidade em sincronia pretérita ou histórica. Diferentemente da sincronia contemporânea¹⁹, que, no âmbito da Terminologia, foca no estudo dos discursos especializados de textos (escritos, sobretudo, mas orais também) elaborados no mesmo período em que as análises são desenvolvidas, a sincronia pretérita trata de analisar um estado das linguagens de especialidade anterior ao momento da investigação em curso pelo(a) terminólogo(a), isto é, um estado delimitado a partir de um *corpus* composto por textos produzidos no passado em relação ao momento em que a pesquisa terminológica é realizada. Nesse caso, não se trata de um estudo da evolução da terminologia em questão, tal como se faz em diacronia (curta ou longa). Por isso, emprega-se ‘sincronia’ e não ‘diacronia’ associada aos adjetivos ‘pretérita’ e ‘histórica’.

O esquema a seguir (Figura 2) revela a pluralidade da diacronia no âmbito da TD a partir das duas principais abstrações metodológicas (‘diacronia’ e ‘sincronia pretérita’) por meio das quais as pesquisas na área podem ser realizadas:

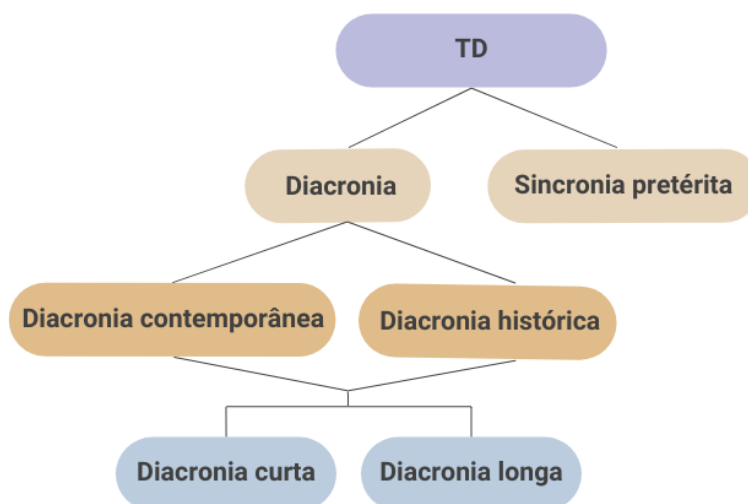


Figura 2. Os lugares da diacronia na TD.

A TD possibilitou, então, análises que vão além da diacronia, já que também prevê a sincronia pretérita como escopo de suas investigações. Com isso, o lugar ocupado pela diacronia, nessa abordagem, é lado a lado com a sincronia pretérita, tal como nos mostra a imagem anterior. Basicamente, o que as diferencia é o fato de que a diacronia trata da evolução das terminologias enquanto a sincronia pretérita foca na descrição de um de seus estados no passado.

O termo ‘diacronia’, por sua vez, torna-se específico i) quando diz respeito à relação entre o momento da execução do trabalho terminológico (atual) e a janela temporal do *corpus* em estudo, que pode ser próxima a ele (‘contemporânea’) ou distante dele (‘histórica’)²⁰ e ii) quando se refere ao tamanho, em anos, dessa janela (‘curta’ ou ‘longa’). Logo, os pares que se excluem em um trabalho terminológico são ‘diacronia contemporânea’ x

¹⁹ Para Rousseau (2021, p. 139, tradução nossa, grifo do autor), “[...] a sincronia não pode ser considerada apenas como o estudo da terminologia ‘atual’: na verdade, estudar um estado antigo da terminologia (sem estudar a sua evolução) se configura igualmente em um estudo sincrônico”. No original: “La synchronie ne peut pas être considérée uniquement comme l’étude de la terminologie ‘actuelle’: en effet, étudier un état ancien de la terminologie (sans en étudier l’évolution) constitue également une étude synchronique”. Aqui, entendemos ‘sincronia’ como um termo mais genérico que compreende duas especificidades: ‘sincronia pretérita’ (ou ‘histórica’) e ‘sincronia contemporânea’ (ou ‘atual’) – sempre em relação ao momento em que a pesquisa terminológica é desenvolvida.

²⁰ Picton (2018) propõe que as pesquisas em TD se norteiem por duas abordagens (sendo que uma não exclui a outra): a diacrônica e a histórica. Nesse contexto, a abordagem diacrônica “[...] se refere à análise das transformações das dimensões interna (mais centrada nas linguagens de especialidade propriamente ditas) e externa (mais focada nos saberes especializados), enquanto [a segunda] diz respeito à observação dos elementos externos” (Curti-Contessoto, 2022, p. 117). Para a autora, os elementos externos são os aspectos socioculturais, políticos, científicos etc. que podem explicar a evolução dos conhecimentos especializados e das linguagens de especialidades aos quais se referem. Aqui, o adjetivo ‘histórico’ vem atrelado a outra noção, a de considerar elementos relacionados à história de uma nação ou de um determinado domínio de especialidade, por exemplo, para descobrir as causas das transformações terminológicas em diacronia curta ou longa de um *corpus* que pode compreender a diacronia contemporânea ou histórica.

‘diacronia histórica’ (especificidades relativas à acepção (i)) e ‘diacronia curta’ x ‘diacronia longa’ (tipos específicos de diacronia referentes à acepção (ii)). Assim, uma pesquisa terminológica pode se dar, por exemplo, em uma diacronia contemporânea ou em uma diacronia histórica – e não nas duas ao mesmo tempo – e pode ser ainda de diacronia curta ou de diacronia longa a depender do período recoberto pelas análises.

Esses diferentes escopos atrelados à noção de diacronia fazem com que os pesquisadores na área relacionem os seus estudos à Terminologia Diacrônica (TD), outros à Terminologia Histórica, outros à Terminologia Retrospectiva e ainda à Terminologia Sincrônica Histórica, além de Terminocronia e Socioterminologia Diacrônica (SD).

A nosso ver, o termo ‘Terminologia diacrônica’ é polissêmico nesse contexto: pode tanto se referir à TD tal como trazemos neste artigo, como uma abordagem mais ampla que abarca todas as outras em uma relação de complementariedade (‘terminologia diacrônica’, TD [1]), quanto dizer respeito aos estudos terminológicos realizados em diacronia curta e contemporânea (Dury, 2021a) – nesse caso, ‘Terminologia diacrônica’, TD [2]. Já ‘Terminologia histórica’ trata especificamente da evolução terminológica em diacronia histórica, podendo se encaixar na diacronia curta ou longa a depender do tamanho da janela temporal que recobre (Rousseau, 2019).

Por sua vez, estudos realizados no âmbito da ‘Terminologia retrospectiva’ (cf. Humbley, 2011) tratam especificamente da neologia retrospectiva (Humbley, 2018) que se refere, ‘grosso modo’, ao processo de criação de novos termos a partir de termos já existentes em domínios antigos, adaptando o conhecido por meio de outros processos, tais como metonímia, metáfora etc. É uma linha que complementa as possibilidades de estudo no âmbito da TD [1]. Já ‘Terminologia sincrônica histórica’ compreende análises em sincronia pretérita (cf. Rousseau, 2021).

Por fim, ‘socioterminologia diacrônica’ (SD) (cf. Marengo, 2017) e ‘terminocronia’ (cf. Møller, 1998) são mais específicos, pois se referem a propostas cujo quadro teórico e metodológico é particular a cada uma dessas abordagens (Curti-Contessoto, 2022), podendo, assim, integrar a TD [1] enquanto especificidades possíveis de análise sobre a evolução terminológica.

A seguir, o esquema (Figura 3) apresentado organiza os termos discutidos do ponto de vista de sua relação genérico-específica:

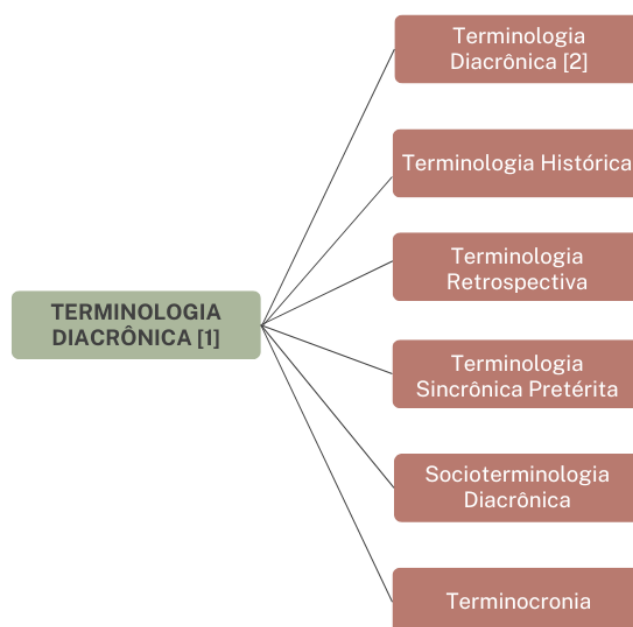


Figura 3. A TD e suas diferentes linhas investigativas.

A Figura 3 propõe, então, uma estruturação das abordagens possíveis em TD.²¹ A existência desses diferentes termos empregados em pesquisas de temática diversas mostram o quanto falta sistematização dos trabalhos desenvolvidos nesse viés, já que se trata de uma linha relativamente nova na Terminologia (Humbley, 2011), e o quanto as possibilidades de investigação terminológica em diacronia são ricas e plurais.

²¹ Seleccionamos apenas as abordagens que trazem o termo Terminologia associado a outros adjetivos ou outras estruturas (como 'terminocronia'). Há, no entanto, outros trabalhos, como os de Kageura (2002), por exemplo, que, neste caso fala de uma 'dinâmica terminológica'.

Considerações finais

Este artigo trouxe a nossa visão acerca dos principais lugares da diacronia no âmbito da Terminologia. Essa abstração metodológica tem sido considerada a partir de diferentes olhares a depender da teoria terminológica – olhares esses que se complementam em grande parte, mas também se excluem (no caso da TGT, mais particularmente) (cf. Figura 1).

O que se nota, em geral, é que as escolas terminológicas que tratam da diacronia em seu escopo consideram a variação das linguagens de especialidade como sendo relevante de ser estudada, cada qual a seu modo. Em seus quadros epistemológicos, ‘termo’ e ‘conceito’ são passíveis de variação, de mudança – o que se explica por diferentes motivos. Um deles está diretamente relacionado ao eixo temporal, na medida em que, com o passar do tempo, mudam-se os conhecimentos especializados de determinado domínio de especialidade e, consequentemente, os conceitos que os representam e os termos que a eles se referem.

Em Terminologia, como vimos, esse tipo de variação figura, em grande parte dos trabalhos, atrelado à concepção de ‘variação denominativa’ como sendo o fenômeno em que um mesmo conceito apresenta diferentes denominações (Freixa, 2006). Porém, com desenvolvimento da TD ao longo das últimas décadas, ‘variação’ adquiriu outro sentido: o de transformação, de evolução das linguagens de especialidade que podem ou não causar a variação denominativa.

Além dessa nova visão a respeito da variação terminológica, a TD revelou uma pluralidade com relação à diacronia, que pode ser ‘contemporânea’, ‘histórica’, ‘curta’ e ‘longa’ (cf. Figura 2). Trouxe ainda para o seu escopo a possibilidade de análises em sincronia pretérita.

Conhecer esses diferentes lugares ocupados pela diacronia nas teorias terminológicas mencionadas, bem como suas especificidades do ponto de vista da TD, possibilita não só melhor compreender alguns dos conceitos basilares em Terminologia, como também indica caminhos diversos de investigação, tal como nos mostrou a Figura 3. A esses caminhos, podem ser associadas uma ou mais teorias terminológicas que considerem a variação a depender dos objetivos do(a) terminólogo(a). Nesse sentido, se um trabalho terminológico pretende analisar uma terminologia fortemente relacionada a um ofício, a uma prática profissional (no sentido de ‘praxema’ sobre o qual falamos anteriormente), a Socioterminologia se mostra mais produtiva do que a TCT, por exemplo (Rousseau, 2019). Existe ainda a possibilidade de mesclar mais de uma corrente teórica a depender da proposta que se pretende construir no âmbito de determinado trabalho terminológico.

Diversos são, portanto, os caminhos de onde partir para realizar investigações terminológico-diacrônicas hoje em dia e sua escolha depende, especialmente, dos objetivos de cada trabalho. De fato, a perspectiva diacrônica “[...] representa uma ferramenta particularmente importante para apreender e melhor compreender a complexidade conceitual e terminológica dos domínios especializados” (Dury, 2021b, p. 224, tradução nossa).²² E há ainda muito a ser feito no âmbito da TD. Nesse sentido, faltam estudos sobre a fraseologia de especialidade do ponto de vista diacrônico, há uma considerável lacuna a respeito da equivalência terminológica em diacronia, carecem trabalhos sobre aplicabilidades da TD direcionadas a diferentes públicos, dentre outros temas que consistem em perspectivas futuras de pesquisa.

Especialmente no Brasil, a TD ainda é incipiente. Esperamos que este trabalho, junto a de outros brasileiros (Marengo, 2017; Finatto, 2020; Curti-Contessoto, 2022, para citar alguns exemplos), desperte mais interesse na área e possa servir como um guia para novas pesquisas nessa linha em nosso país.

Referências

- Alves, I. M. (2003). Unidades lexicais terminológicas: algumas características. *Estudos Lingüísticos*, 32(1). Recuperado de <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr005.htm>
- Barros, L. A. (2006). Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência e Cultura*, 58(2), 22-26.
- Cabré, M. T. (1999). *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona, ES: IULA.
- Cabré, M. T. (2003). Theories of terminology: their description, prescription and explanation. *Terminology*, 9(2), 163-199.

²² “[...] représente un outil particulièrement important pour appréhender et mieux comprendre la complexité conceptuelle et terminologique des domaines spécialisés” (Dury, 2021b).

- Cabré, M. T. (2009). La teoría comunicativa de la terminología: una aproximación lingüística a los términos. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, 1(14), 9-15.
- Ciapuscio, G. (1998). La terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento y variación. *Organon*, 1(26), 1-15.
- Clas, A. (2001). Review of [Temmerman, Rita (2000): towards new ways of terminology description: the sociocognitive-approach, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, xv-258 p.]. *Meta*, 46(3), 582-585. DOI: <https://doi.org/10.7202/002265ar>
- Curti-Contessoto, B., & Costa, L. A. C. (2021). Terminologia e terminólogos: teorias, aplicabilidades e mercado de trabalho. *Revista Digital Internacional de Lexicología, Lexicografía y Terminología*, 1(4), 1-20.
- Curti-Contessoto, B. (2022). Em busca de uma terminologia diacrônica sistematizada: alguns conceitos básicos em foco. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 61(1), 109-124. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813v61n120228667580>
- Dufour, F. (2004). Lecture de François Gaudin, 'Socioterminologie, une approche sociolinguistique de la terminologie'. *Cahiers de Praxématique*, 1(42), 208-212. DOI: <https://doi.org/10.4000/praxematique.2188>
- Dury, P. (2013). Que montre l'étude de la variation d'une terminologie dans le temps. Quelques pistes de réflexion appliquées au domaine médical. *Debate Terminológico*, 9(1), 2-10.
- Dury, P. (2021a). L'obsolescence terminologique dans le domaine de la pharmacologie, *Linx*, 1(82), 1-18. DOI: <https://doi.org/10.4000/linx.8024>
- Dury, P. (2021b). Les acronymes et les sigles spécialisés, des termes comme les autres ? Étude en diachronie courte dans le domaine médical. In M. T. Zanola (Org.), *Cahiers de lexicologie – terminologie diachronique: méthodologies et études de cas* (p. 227-246). Paris, FR: Classiques Garnier.
- Dury, P., & Picton, A. (2009). Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique?. *Revue française de linguistique appliquée*, 15 (2), 31-41. DOI: <https://doi.org/10.3917/rfla.142.0031>
- Faber, P., & Rodríguez, C. I. L. (2012). Terminology and specialized language. In P. Faber, (Org.), *A cognitive linguistics view of terminology and specialized language* (p. 9-31). Berlin, DE: De Gruyter Mouton.
- Faulstich, E. (1998). Variação terminológica. Algumas tendências no português do Brasil. In M. T. Cabré, *Cicle de conferencies 96-97: lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona, ES: Universitat Pompeu Fabra.
- Faulstich, E. (1995). Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, 24(3), 1-14. Recuperado em 27 dez. 2021 de https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_bb636decd3_0008870.pdf
- Faulstich, E. (2006). A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, 58(2), 27-31.
- Finatto, M. J. B. (2001). Terminografia brasileira no final do século XIX: contraponto entre domínios emergentes e consolidados. In M. G. Krieger, & A. M. B. Maciel (Orgs.), *Temas de terminologia* (p. 197-213). São Paulo, SP: Humanitas/USP.
- Finatto, M. J. B. (2020). Medicina em português no século XVIII: desafios da terminologia diacrônica no cenário das humanidades digitais. *Revista Panace@*, 21(52), 20-36.
- Finatto, M. J. B., & Zilio, L. (2015). *Textos e termos por Lothar Hoffmann, um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas*. Porto Alegre, RS: Pallotti,
- Finatto, M. J. B. (2003). Do termo ao texto: novas tendências dos estudos terminológicos de perspectiva lingüística. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, XXXII. Recuperado em 27 dez. de <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr007.htm>
- Freixa, J. (2006). Causes of denominative variation in terminology - a typology proposal. *Terminology*, 12(1), 51-77.
- Gaudin, F. (1993). *Pour une socioterminologie: des problemes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, FR: Université de Rouen.
- Gaudin, F. (2005). La socioterminologie. *Langages*, 157, 80-92.
- Humbley, J. (2011). Vers une méthode de terminologie rétrospective. *Langages*, 183(3), 51-62. DOI: <https://doi.org/10.3917/lang.183.0051>
- Humbley, J. (2018). *La néologie terminologique*. Limoges, FR: Lambert-Lucas.
- Kageura, K. (2002). *The dynamics of terminology: a descriptive theory of term formation and terminological growth*. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Company,

- Krieger, M. G. (1998). Terminologia e integração: um projeto para o Mercosul. *Organon*, 12(26), 14-18.
- Krieger, M. G. (2000). Terminologia revisitada. *DELTA*, 16(2), 209-228. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200001>
- Krieger, M. G., Santiago, M. S., & Cabré, M. T. (2013). Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré. *Calidoscópio*, 11(3), 328-332. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2013.113.11>
- Kocourek, R. (1991). Textes et termes. *Meta*, 36(1), 71-76.
- Silva, M. M. A., & Nadin, O. L. (2010). A variação na terminologia da nanociência/ nanotecnologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 12(2), 295-312.
- Marengo, S. M. D. A. (2017). Mudança linguística à luz da socioterminologia diacrônica: a história da cultura escrita como fator extralinguístico. *História da Cultura Escrita*, 3(3), 59-76.
- Møller, B. (1998). A la recherche d'une terminochronie. *Meta*, 43(3), 426-438.
- Picton, A. (2009). *Diachronie en langue de spécialité. Définition d'une méthode linguistique outillée pour repérer l'évolution des connaissances en corpus. Un exemple appliqué au domaine spatial* (Tese de Doutorado). Université de Toulouse 2, Toulouse.
- Picton, A. (2018). Terminologie outillée et diachronie: éléments de réflexion autour d'une réconciliation. *ASp*, 74(1), 1-26. DOI: <https://doi.org/10.4000/asp.5255>
- Picton, A., Condamines, A., & Humbert-Droz, J. (2021). Analyse diachronique du processus de déterminologisation. Une réflexion en diachronie courte en physique des particules. In M. T. Zanola (Org.), *Cahiers de lexicologie – terminologie diachronique: méthodologies et études de cas* (p. 193-226). Paris, FR: Classiques Garnier.
- Rousseau, D.-A. (2019). *Un cas de résurgence terminologique : la terminologie musicale en usage en France et en Angleterre à la seconde moitié du XVIIe siècle* (Tese de Doutorado). Université Lumière de Lyon II, Lyon.
- Rousseau, D.-A. (2021). Terminologie historique et musique ancienne. Guidon et petite reprise, deux cas de résurgence terminologique. In M. T. Zanola (Org.), *Cahiers de lexicologie – terminologie diachronique: méthodologies et études de cas* (p. 137-174). Paris, FR: Classiques Garnier.
- Temmerman, R. (2000). *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive-approach*. Amsterdam, NL: John Benjamins Pub.
- Temmerman, R., Kerremans, K., & Vandervoort, V. (2005). La termontographie en contexte(s). In *Actes des Septièmes 7^a Journées Scientifiques du Réseau Lexicologie, Terminologie, Traduction* (p. 1-11). Bruxelles, BE. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/228989572_La_termontographie_en_contexte_s
- Wüster, E. (1979). *Einführung in die allgemeine terminologielehre: ein grenzgebiet zwischen sprachwissenschaften, logik, ontologie, informatic und den sachwissenschaften*. Berlin, DE: VDI Verlag.
- Zanola, M. T. (2021). *Cahiers de lexicologie – terminologie diachronique: méthodologies et études de cas*. Paris, FR: Classiques Garnier.